

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Estado de Minas Class.: 65

Data 17/08/89 Pg.: _____

Viagem pelos rios do Acre

Milton Nascimento descobre os sons da floresta

Divulgação

Marco Otávio Teodoro

Especial para a Segunda Seção

190

Numa viagem de pesquisa inédita para um artista brasileiro, Milton Nascimento está subindo de barco o Alto Rio Juruá, no extremo Oeste do Acre, visitando índios e seringueiros a convite da UNI — União das Nações Indígenas — e do CNS — Conselho Nacional de Seringueiros. Milton está envolvido com as causas indígenas desde 1977, quando conheceu e musicou a vida dos índios Avacanoeiros. Bem antes, portanto, da causa virar modismo. Ele vinha pensando, desde aquela época, em fazer essa viagem e tirar dela material específico para um disco que absorva a musicalidade indígena, inspirada principalmente no barulho das águas. De uns tempos para cá a idéia foi crescendo.

Quando do primeiro Encontro das Nações Indígenas, em Altamira, os índios queriam muito a presença de Milton Nascimento. Bem mais que a de Sting, porque com Milton eles têm afinidade e Sting é para os índios apenas um estrangeiro. Como estava excursionando pelo Brasil, Milton não pôde comparecer. Mas, desde então os índios Marcos Terena e Ailton Krenak, coordenadores do encontro, fizeram questão de estreitar mais ainda essa amizade, vindo daí a idéia do disco.

Para selar definitivamente a irmandade, Milton Nascimento apadrinhou a fundação da Aliança dos Povos da Floresta. Tanto que a comitiva que acompanha o artista na viagem é formada por Antônio Batista de Macedo e Chico Ginu, da coordenação do CNS; Marcos Terena, Osair Siã Kaxinawã e Moisés Kampa, da UNI; e os antropólogos acreanos Terri Vale de Aquino e Mauro Almeida.

São 17 dias de viagem num batelão da Associação dos Seringueiros do Rio Tejo. Eles partiram da cidade de Cruzeiro do



Sul no dia 8 de agosto e a primeira escala aconteceu dia 11, na Vila de Taumaturgo.

Da cidade de Cruzeiro do Sul até Vila de Taumaturgo, eles fizeram rápidas paradas em pequenas aldeias, onde os poplares se aglomeram para saudar Milton Nascimento. Ficaram sabendo de sua viagem através das rádios locais. Pedem autógrafos e saúdam o cantor, dando-lhe peixes e cachos de banana, suas maiores riquezas. Na aldeia de Porto Válter, a parada foi um pouco mais longa, porque o índio Marcos Terena aproveitou para gravar uma entrevista especial com Milton Nascimento para o "Jornal de Vanguarda" da TV Bandeirantes, do qual é um dos comentaristas.

Outras paradas ocorrem por lazer. E quando o grupo encontra praias ao longo das margens do rio e todos aproveitam para tomar banho de água e de Sol. E há festa também, como no dia 9, conforme conta o diário que Márcio Ferreira, diretor-presidente da Quilombo, que empresaria Milton Nascimento, está fazendo. "Hoje encontramos uma mariscada (pescaria). Estavam pescando mandi e esse foi o prato do dia. Uma festa. Temos comido muito cará, graviola, jaca, guaraná e castanha".

A viagem está sendo feita sem interrupções, inclusive à noite, graças à habilidade do piloto do barco do Conselho Nacional dos Seringueiros, mestre Zé Dantas, que é "impressionante", co-

mo diz Milton Nascimento: "De noite ele enxerga tudo, cada curva do rio". A experiência de Zé Dantas, segundo o diário de Márcio Ferreira, é fruto de toda uma vida dedicada ao rio. Desde que nasceu, ele é salvador. Enquanto isso, Ildete, a esposa de Zé Dantas, faz sucesso na cozinha.

Durante toda a viagem, Milton Nascimento vai tomando um banho de natureza. Marcos Terena, Siã Kaxinawã e Moisés Kampa passam todo o tempo mostrando ao Bituca as árvores à beira do rio, citando os nomes de cada uma delas e dos bichos.

A viagem está sendo aproveitada de todas as maneiras. Pela curiosidade, como quando Milton Nascimento aprendeu a pilotar o barco. No aspecto do-

documental, porque Osair Siã Kaxinawã está filmando tudo para mostrar a seu povo, os Kaxinawã. A Quilombo Criação de Produção e o CEDI — Centro Ecu- mênico de Documentação de Dados e Informação, que convidou o artista plástico Rubens Matuck para fazer a iconografia da natureza e dos povos da floresta, com a finalidade de elaborar livros para crianças, estão documentando em fotos, vídeo e áudio, com suas equipes especializadas. Sempre orientados por Antônio Batista de Macedo, seringueiro e sertanista, nascido em Cruzeiro do Sul, que é coordenador-geral da viagem. Ele é uma pessoa marcada, várias vezes ameaçada, por ser um defensor incansável dos serin-

gueiros e ribeirinhos. Onde chega, Macedo é cercado para dar notícias do que está acontecendo. Macedo viaja acompanhado de sua mulher Renilda, outra excelente cozinheira. Uma vez que todos estão vivendo no barco, inclusive dormindo, a cozinha tem sido muito importante. A cozinha, os mosquiteiros e as redes, feitos especialmente para essa viagem por costureiras amigas do Macedo.

A viagem está servindo para Milton Nascimento escutar os anseios dos Povos da Floresta. Em Taumaturgo, houve um encontro com vários seringueiros, que expuseram o plano de criação de uma Reserva Extrativista na Bacia do Rio Tejo. A Bacia do Tejo é interligada por quatro áreas indígenas: Kaxinawã, do Rio Jordão; Kampa-Kaxinawã, do Rio Abreu, Jaminawa, do Rio Bajé, e Kampa, do Rio Amônia.

Uma das paradas mais importantes, até agora, para o projeto musical de Milton Nascimento, ocorreu na aldeia dos Índios Kampa, descendentes dos Incas. Quando chegaram à Vila de Taumaturgo, eles seguiram em pequenas canoas até a aldeia e, durante toda a noite, ouviram uma cantoria ritual, a festa do Kamarambi, que comemorou também o retorno de Moisés Kampa à aldeia. Moisés, um jovem índio, estava longe de seu povo há seis meses.

Depois dessa viagem de 17 dias pelos rios do Acre, é intenção de Milton Nascimento realizar outras até elaborar seu novo disco, que será feito em conjunto com a "Aliança dos Povos da Floresta". Um disco que está sendo sedimentado na veia criativa de Milton Nascimento desde o dia em que recebeu de Ailton Krenak fitas com a gravação de músicas de vários povos da floresta. Uma música que canta como as águas puras que traçam caminho na floresta e que são a vida dos indígenas.